

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

ROMANCES QUE NASCEM DE SÃO PAULO*

Ernani Silva BRUNO

(...) Referindo-se a romances “sobre assuntos paulistas”, a entidade que promove o certame parece indicar que os ensaios, embora não limitados ao enfoque de romances em torno de temas especificamente de São Paulo, nem que se enquadrem em um rígido esquema regionalista, mostrem ao menos - esses romances - conotações com ambientes paulistas, isto é, que sua trama decorra em São Paulo. Mesmo que seus autores não sejam paulistas. E, de outra parte, parece excluir, dos estudos que procura estimular, o enfoque de romances de autores paulistas cujas obras não tenham nenhuma ambientação na realidade humana e social de São Paulo.

Dentro dessa delimitação seria interessante lembrar que as origens da ficção de “assuntos paulistas”, que se situariam na segunda metade do século passado (as **Aventuras de Diófames**, da paulista Teresa Margarida da Silva e Orta, publicadas em Lisboa em 1752, nada têm, a meu ver, com o romance paulista ou brasileiro), fixaram-se, de

(*) O “recorte” que utilizamos para este número, artigo de Ernani Silva Bruno (1912-1986) foi originalmente publicado na “Folha de São Paulo”, de 16 setembro de 1979, motivado por uma notícia divulgada pela imprensa paulistana referente a um concurso de ensaio literário instituído pela Academia Paulista de Letras subordinado ao tema: “O romance paulista nos últimos setenta anos”. Seu autor dispensa apresentação por ser um dos maiores nomes da historiografia brasileira, especialmente paulista. Embora não se revista de caráter crítico, este artigo oferece-nos praticamente um levantamento do que se produziu em matéria de literatura de ficção inspirada em São Paulo ou em temas paulistas. Daí, parece-nos, a oportunidade de sua transcrição. ONM.

início predominantemente no gênero “romance histórico”: **A Cruz de Cedro** (1854), de Antônio Joaquim da Rosa, **Os Guaianás** (1860), de Couto de Magalhães, **Padre Belchior de Pontes** (1876-77), de Júlio Ribeiro, e **O Paulista** (1895), de Augusto Rasec (Augusto César de Barros Cruz), reportam-se, todos não à vivência da época de seus autores, mas à vivência paulista dos tempos coloniais.

O romance não histórico, na segunda metade do século passado, estaria representado, em parte, por livros de autores que apenas estiveram de passagem ou estudando em São Paulo: **Mocidade de Trajano** (1871), do Visconde de Taunay, retratando tipos e costumes das grandes fazendas campineiras de café; **Til** (1872), de José de Alencar, também focalizando a vida rural e sertaneja do oeste paulista; e **Rosaura, a enjeitada** (1883), de Bernardo Guimarães, ambientado na cidade de São Paulo. E, mais para os fins do século e começo do atual, principalmente por **A Carne**, de Júlio Ribeiro, **A Família Medeiros**, de Júlia Lopes de Almeida e **Sinhá e O Urso**, do sorocabano Antônio d’Oliveira.

A partir de 1909 - balisa cronológica inicial do certame agora instituído pela APL - e até o advento do Movimento Modernista, haveria a lembrar os livros de José Agudo, **Gente Rica** (1912) e **Gente Audaz** (1913), ambos com o subtítulo de Cenas da Vida Paulistana; **Redenção** (1914), de Veiga Miranda; Madame Pommery (1919), de Hilário Tácito (José Maria de Toledo Malta); e, publicados em 1920, **Ana Rosa**, de Jerônimo Osório, **O Professor Jeremias**, de Leo Vaz e **Flama e Argila**, de Menotti Del Picchia. O que faz pensar que o romance paulista dessa época teria tido, por certo, muito maior projeção, se Monteiro Lobato - com aquele seu dom agudo de observação e o vigor de sua linguagem - não tivesse limitado ao conto sua prosa de ficção.

O Movimento Modernista também não produziu, ao longo dos anos 20, muitas obras enquadráveis na espécie “romance de assuntos paulistas”. **Os Condenados**, **Memórias sentimentais de João Miramar** e **A Estrela de Absinto**, de Oswald de Andrade; **Dente de Ouro**, de Menotti Del Picchia, **O Estrangeiro**, de Plínio Salgado, **Amar, verbo intransitivo**, que seu autor, Mário de Andrade, chamou de “idílio”. E a curiosa novela **Sorumba**, de Manuel Mendes, que ficou meio na sombra, não conseguindo projeção maior. Na mesma década, mas à margem do

movimento modernista, Paulo Setúbal retomaria o filão do romance histórico paulista ao publicar, em 1925, **A Marquesa de Santos**.

Ao longo dos anos 30 - quando ocorreu um surto notável de romances explorando temas nordestinos, mineiros e riograndenses do sul, que obtiveram pronta e veemente aceitação da crítica - o romance de "assuntos paulistas" esteve representado, principalmente, por **Os Três sargentos**, de Ian de Almeida Prado, **Bagunça**, de David Antunes, **Terra Roxa**, de Rubens do Amaral, **Mana Maria**, de Antônio de Alcântara Machado, **Espigão da Samambaia**, de Leão Machado, **Floradas na Serra**, de Dinah Silveira de Queiroz e **Planalto**, de Flávio de Carvalho. Nenhum dos quais teve a repercussão literária da ficção produzida em outras regiões brasileiras.

De então por diante se avolumou obviamente a produção de romances em São Paulo, inspirados nas mais diversas escolas e tendências e refletindo, com maior ou menor sensibilidade, a realidade cultural paulista. Mas dois assuntos polêmicos - a caracterização do romance especificamente paulista e a importância do romance de São Paulo no quadro da ficção nacional - continuaram preocupando e desafiando os críticos e historiadores da literatura. Antônio D'Elia mostrou certa vez que não existia o "romance paulista" no sentido em que havia o romance nordestino, o mineiro, o carioca ou o gaúcho, pela simples razão de que, existindo temas bastantes característicos de outras regiões brasileiras, não haveria rigorosamente um "tema paulista". De outra parte, Maria de Lourdes Teixeira falava da pequena contribuição paulista ao romance brasileiro, escrevendo: "Se contamos muitos poetas de boa categoria, desde as primícias de nossa literatura até o presente, já o mesmo não acontece com o romance, onde poucos ressaltam aqui e ali, como brilhantes exceções em meio a um deserto".

Talvez o concurso instituído pela APL dê margem à elaboração de trabalhos que, reunindo novas informações e perspectivas para uma análise mais completa do tema, permitam que o assunto possa ser melhor esclarecido e nossa ficção avaliada em termos mais precisos.